





NIILISMO ATIVO E NIILISMO PASSIVO NA FILOSOFIA DE NIETZSCHE¹

*Michelle Ferreira de Lima*²

 <https://orcid.org/0000-0002-0898-5962>

 <https://doi.org/10.33871/27639657.2024.4.2.9769>

Resumo: Ao estudar as obras de Nietzsche detendo o olhar ao problema do niilismo, percebe-se que ele pode assumir algumas formas. Encontramos um niilismo com potencial destruidor que poderá servir a dois princípios: destruidor e criador ou destruidor e suicida, o primeiro pode ser encontrado tal como na arte, e o segundo, nos ideias ascéticos da religião, por exemplo. O filósofo descreve que o niilismo pode ser sinônimo de poder ou de decadência: *niilismo ativo* e *niilismo passivo*. O *niilismo ativo* exprime força, mudança, radicalidade, afirmação elevando o indivíduo a uma existência desalienante. Enquanto o *niilismo passivo*, denota um indício de fraqueza, aceitação e resignação. Desta forma, na concepção de Nietzsche o niilismo assume uma *estrutura dialética* no sentido de que expõe um contramovimento, já que a negação pode ser utilizada para criar novos resultados, denota-se assim, uma negatividade produtiva do niilismo. O filósofo propõe então superar o niilismo por ele mesmo, fato que implica em tomar como antídoto o próprio veneno, tal medida, embora temerária, ainda é preferível a abandonar a humanidade ao lento suicídio do niilismo passivo. Portanto, trata-se de acelerar o curso, de escolher entre elevação ou declínio. Visto assim, o niilismo é abordado como um mal necessário, *um estado intermediário patológico*, o qual constitui uma prova difícil, tal como, “passar pelo fogo” para então se tornar um indivíduo resoluto e afirmador.

Palavras-chave: Niilismo ativo. Niilismo passivo. Nietzsche.

ACTIVE NIHILISM AND PASSIVE NIHILISM IN NIETZSCHE PHILOSOPHY

Abstract: When studying the works of Nietzsche, looking at the problem of nihilism, it is noticed that it can take some forms. We find a nihilism with destructive potential that can serve two principles: destroyer and creator or destroyer and suicidal, the first one can be found as in art, and the second, in the ascetic ideas of the church, for example. The philosopher describes that nihilism can be synonymous with power or decadence: active nihilism and passive nihilism. Active nihilism expresses strength, change, radicality, affirmation elevating the individual to a de-alienating existence. While passive nihilism denotes an indication of weakness, acceptance and resignation. Thus, in the conception of Nietzsche nihilism assumes a dialectical structure in the

¹ Pesquisa realizada no decurso do doutorado financiada pela CAPES.

² Doutoranda em Filosofia pela PUCPR, bolsista CAPES com pesquisa em Nietzsche e Camus: "A Arte como superação do Niilismo". Mestra em Filosofia pela PUC PR (2022), com pesquisa intitulada: "A Estética da Revolta em Albert Camus". Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Centro-Oeste (2018).



Artigo publicado em acesso aberto sob a licença Creative Commons Attribution 4.0 International Licence.



sense that it exposes a countermovement, since negation can be used to create new results, thus denotes a productive negativity of nihilism. The philosopher then proposes to overcome nihilism by himself, a fact that implies taking as antidote the poison itself, such a measure, although reckless, is still preferable to abandon humanity to the slow suicide of passive nihilism. Therefore, it is a question of accelerating the course, of choosing between elevation or decline. Seen in this way, nihilism is approached as a necessary evil, a pathological intermediate state, which constitutes a difficult test, such as "passing through fire" to then become a resolute and assertive individual.

Keywords: Active nihilism. Passive nihilism. Nietzsche.

INTRODUÇÃO

Nietzsche aponta o *nihilismo como resultante consequência da interpretação*³ que se formulou sobre o valor da existência até o presente. O filósofo identifica o problema desde Sócrates e Platão, pensadores que atribuíram o real a conceitos e não a entes sensíveis, já que o conhecimento racional “verdadeiro” não poderia estar pautado naquilo que está em constante mudança: “O mundo do verdadeiro filósofo é o universo inteligível das puras abstrações, à sua tarefa e destinação pertence a iniciação, o apartar-se dos outros homens, entregues ao simulacro e à incerteza” (GIACOIA, 2014, p. 216). Deste ponto, surge então o desprezo pelo mundo sensível e dos sentidos em detrimento da valorização das ideias e da alma, resultantes da interpretação grega tardia e cristã da filosofia. Portanto, segue-se que: “Em ligação estreita com Platão e com o platonismo que se firma a identificação entre Bem, Belo e Verdadeiro, instituindo um vínculo indissolúvel entre conhecimento, verdade e moralidade” (GIACOIA, 2014, p. 209). Bem como a significação ética da existência do mundo e da humanidade, como comenta Giacoia: “No interior deste quadro o anúncio da “morte de Deus” está associado ao esforço de superação da metafísica, pois, como afirma Heidegger, antes de se referir a Deus em sentido religioso e cristão, *Deus é o nome para o âmbito das ideias*” (GIACOIA, 2014, p. 208).

Esta herança de pensamento na qual o sensível é desconsiderado, desacreditado e visto como menor valor diante de um ideal que se configurava como plenamente verdadeiro é amplamente criticado por Nietzsche. Neste sentido, ele afirma que o

³ Ver *Vontade de Poder*, § I.



nilismo radical traz a convicção acerca da *inconsistência de valores soberanos*, e portanto: “O *entendimento* de que nós não temos o mínimo direito de acrescentar um além ou um em-si das coisas que seja “divino” ou moral de carne e osso [*leibhafte*] (NIETZSCHE, 2008, p. 29). Ao realizar esse diagnóstico da modernidade, Nietzsche aponta o nilismo como resultante dessa derrocada dos valores e crenças. Afirmar a morte de Deus implica dizer: “O mundo supracensível não tem poder eficiente. Encarando-o como ilusório, é levado a considerar verdadeiro o mundo sensível” (MARTON, 1997, p. 45).

O filósofo Müller-Lauter comenta que a história do nilismo não apresenta *um* início, e que o nilismo configura a expressão de *décadence* fisiológica, surgindo em diferentes culturas, sendo que tais condições para este movimento se encontram, sobretudo entre homens, comunidades, em que uma organização mais forte se sobrepõe a uma mais fraca: “O nilismo se *impôs* no budismo, na filosofia socrático-platônica e no cristianismo” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 143). E diante deste fato, Nietzsche pretende encontrar no passado os indicativos da fatalidade ameaçadora, por este motivo, elenca nomes de filósofos que lhe permitem demarcar a história do nilismo europeu:

Ali está o Sócrates ainda “consideravelmente sadio”; com sua aparição, a *décadence* adentra na filosofia grega. Ele e o Platão por ele seduzido já são “sintomas de declínio, [...] instrumentos da dissolução grega. A partir deles então fica “a filosofia sob o domínio da moral”. Nietzsche encontra em Epicuro e Pirro a representação de duas outras “formas da *décadence* grega”. Pirro já é designado como nilista. “Endurecimento estoico de si mesmo” e “calúnia platônica dos sentidos” preparam o solo para a religião nilista do cristianismo. A sequência dos que são caracterizados por Nietzsche como *décadents* vai desde os pensadores cristãos da Idade Média até a época moderna. Passa pelo “torturador de si mesmo” Bacon; por Kant, o nilista “com entranhas cristã-dogmáticas”; [...] e ao nilismo de Schopenhauer, cuja imagem é um pessimismo romântico cansado, assim como o de E. von Hartmann, de Vigny, de Dostoiévski, de Leopardi e já o de Pascal entre outros (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 144-145).

Nietzsche encontra nestes nomes, representantes do declínio da humanidade, e para Müller-Lauter, o filósofo estava mais preocupado com os efeitos intelectuais-históricos do que propriamente, o que cada nome citado intentava, por exemplo: “Mais do que Sócrates e Platão, ocupam-no o socratismo e o platonismo. Relaciona um possível “efeito popular” de Kant, que poderia consistir “na forma de um corrosivo e demolidor ceticismo e relativismo” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p. 146-147). Desta forma, interessam a Nietzsche as grandes linhas da história do espírito no âmbito de suas discussões sobre o nilismo:



Quando, por exemplo, pergunta em que consiste “aquilo que se construiu em vão desde Platão por todos os arquitetos filosóficos da Europa”, assim responde: “todos os filósofos sucumbiram “à sedução da moral”, “seu propósito” (de Kant) “aparentemente era certeza, ‘verdade’, mas eram propriamente ‘majestosos edifícios éticos’”. Pois “toda moral *nega* a vida”. Por isso, “a história da filosofia” é “uma *raiva secreta* contra os pressupostos da vida, [...] contra a tomada de partido em favor da vida”. Por fim, Nietzsche julga até mesmo poder fornecer a prova histórica de que “os filósofos” foram “sempre *décadents*”, que sempre estiveram “a serviço das religiões niilistas”. Consideradas fisiologicamente, essas religiões nada mais são do que “*histórias sistematizadas de doença* sob uma nomenclatura moral-religiosa” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.147)

Na história do ocidente, Nietzsche pretende atribuir a partir de Sócrates o período moral da humanidade e apontá-lo como “movimento de *décadence*”. E neste contexto, platonismo e cristianismo se mostram para o filósofo fundidos em unidade: “Assim, “a luta contra a pressão cristã-eclesiástica de milênios” é, para Nietzsche, nada mais do que “a luta contra Platão” (MÜLLER-LAUTER, 2009, p.148). Esta afirmação é expressa por Nietzsche no Prefácio de *Além do Bem e do Mal*, no qual ele comenta que: “O cristianismo é um platonismo para o povo” (NIETZSCHE, 2005, p. 16), e diante do problema ainda convém: “Colocar a verdade de cabeça para baixo e negar a *perspectiva*, negar as condições fundamentais de toda vida, falar do espírito do bem à maneira como o faz Platão” (NIETZSCHE, 2005, p. 16):

Mas hoje que superamos esse erro, que a Europa, libertada desse pesadelo, recomeça a respirar e desfruta pelo menos de um sono mais salutar, somos nós, *nós cujo único dever é permanecer acordados*, os herdeiros de toda força que a luta contra esse erro fez aumentar. Seria colocar a verdade de cabeça para baixo e negar a *perspectiva*, negar as condições fundamentais de toda vida, falar do espírito do bem à maneira como o faz Platão. Poder-se-ia até mesmo perguntar, como médico, “de onde vem essa doença, surgida no mais belo produto da Antiguidade, em Platão? Seria então verdade que o mau Sócrates o tivesse corrompido? (NIETZSCHE, 2005, p. 16)

Para Nietzsche, o cristianismo assumiu o platonismo, como comenta Müller-Lauter, e que Nietzsche poderia afirmar com ironia que Platão seria “cristão pré-existente”, já que escolheu em favor da moral, “a mentira e a ficção da verdade”, direcionou o “não” ao efetivo, aquilo que era existente, e inventou, como tardiamente fizeram os cristãos, um mundo “verdadeiro” para além do único mundo dado. Deste momento, o efetivo passou a ser visto como aparência, e a aparência vigorou como efetivo. Tal “reverter” se trata de uma inversão que apenas poderá ser exterminada por meio de uma outra inversão. É por este motivo que a filosofia nietzschiana se apresenta como “platonismo invertido” (Cf. MÜLLER-LAUTER, 2009, p.149).



O termo nilismo na concepção de Nietzsche é visto como diagnóstico da doença ou estado de crise do homem ocidental, portanto: “O nilismo não é para o filósofo a conclusão de uma análise conceitual, mas a condição vivida e assumida de uma crítica genealógica radical que nunca ainda tinha sido levada a seu termo” (LEFRANC, 2005, p. 200).

O significado do termo nilismo demonstra que *os valores supremos desvalorizam-se*. Restando apenas um grande vazio que indica *a falta de um fim e da resposta ao “Por quê?”*⁴

Quando a compreensão torna-se evidente de que não foi possível alcançar a esfera onde estavam depositados os valores, de tal forma, inatingíveis, um grande cansaço, e sentimento de que todos os esforços foram *em vão* se abatem no homem: “*A lógica do pessimismo até o último nilismo: o que pulsa [treibt] aí? – conceito da ausência de valor, da falta de sentido*” (NIETZSCHE, 2008, p. 31):

Nilismo é então o tornar-se consciente do grande e duradouro *desperdício* de força, o tormento do “em vão”, a insegurança, a falta de oportunidade de recuperar-se de qualquer modo, de ainda repousar sobre alguma coisa – a vergonha de si mesmo, como de alguém que se tivesse enganado durante muito tempo... Aquele *sentido* poderia ter existido: a “completeza” de um supremo cânon moral em cada acontecer, a ordenação moral do mundo; ou o incremento do amor e da harmonia na interação dos entes; ou a aproximação de um estado de felicidade universal; ou mesmo o partir para um estado de nadificação universal – um fim ainda é sempre um sentido. O comum a todas essas espécies de representação é que um algo, por meio do processo mesmo, deve ser *alcançado*: - e agora compreende-se que, com o devir, *nada* se alcança, *nada* é alcançado... Portanto, a desilusão com um pretense *fim do devir* como causa do nilismo: seja com relação a um fim bem determinado, seja, generalizadamente, o entendimento [*Einsicht*] da insuficiência de todas as hipóteses de fim até hoje (NIETZSCHE, 2008, p. 31)

De acordo com Nietzsche, ocorre então que a *crença nas categorias da razão* configuram *a causa do nilismo*, pois, foi atribuído uma valorização do mundo em categorias correspondentes a um mundo meramente fictício, *falsamente projetado* como essência das coisas, de tal forma, o nilismo se dirige a esses aspectos antes colocados como valor, entretanto, não para desacreditar a vida. Por este motivo, Nietzsche visualiza o nilismo como *um estado intermediário patológico*: “*Não existe nenhuma verdade; não há nenhuma propriedade absoluta das coisas, nenhuma “coisa em si”*. *Isso mesmo é um nilismo, e deveras o mais extremo*” (NIETZSCHE, 2008, p. 33). Portanto, na filosofia

⁴ Ver *Vontade de Poder*, § I.



nietzschiana o nihilismo é visto também como potencial efeito de transformação, como será demonstrado adiante.

1. NIILISMO ATIVO E NIILISMO PASSIVO

Ao estudar as obras de Nietzsche detendo o olhar ao problema do nihilismo, percebe-se que ele pode assumir algumas formas. Encontramos um nihilismo com potencial destruidor que poderá servir a dois princípios: destruidor e criador ou destruidor e suicida; o primeiro pode ser encontrado tal como na arte, e o segundo, nos ideais ascéticos da religião, por exemplo.

O filósofo descreve que o nihilismo pode ser sinônimo de poder ou de decadência: *nihilismo ativo e nihilismo passivo*:

O *nihilismo*, um estado normal.

Ele pode ser um sinal de *fortaleza*: a força do espírito pode ter crescido tanto que os fins de até então (“convicções”, artigos de fé) tomam-se inadequados (- uma crença exprime, em geral, a coerção de condições de existência, uma submissão sob a autoridade de relações nas quais um ser [*Wesen*] medra, cresce, ganha, poder...); por outro lado, um sinal de força *insuficiente* para estabelecer para si então, *produtivamente*, novamente um fim, um porquê, uma crença.

Seu *máximo* de força relativa, ele o alcança como força violenta de *destruição*: como *nihilismo ativo*.

[Seu contrário seria o nihilismo *cansado*, que não mais *ataca*: sua forma mais conhecida, o budismo: como nihilismo *passivo*,] um sinal de fraqueza: a força do espírito pode estar fatigada, *esgotada*, de modo que os fins e os valores de até então são inadequados e não encontram mais nenhum crédito -, de modo que a síntese dos valores e dos fins (sobre qual cada cultura forte repousa) dissolve-se, de maneira que os valores fazem guerra, isoladamente, uns aos outros: esfacelamento -, de modo que tudo que refresca, cura, apazigua, entorpece, vem para o primeiro plano, sob diversos disfarces: religioso, ou moral, ou político, ou estético etc. (NIETZSCHE, 2008, p. 36-37)

O nihilismo ativo exprime força, mudança, radicalidade, afirmação elevando o indivíduo a uma existência desalienante, e talvez, até livre de todos os paradigmas. Enquanto o nihilismo passivo, denota um indício de fraqueza, cansaço, aceitação e resignação.

Desta forma, na concepção de Nietzsche o nihilismo assume uma *estrutura dialética* no sentido de que expõe um contramovimento, já que a negação pode ser utilizada para criar novos resultados, como comenta Guervós, professor na Universidade de Málaga: “Contudo, esse “contramovimento” se expressa “dialeticamente” de formas diversas: como *negatividade produtiva* e como autocriação do homem, e como o caminho



que converte o homem em *obra de arte*⁵. Denota-se assim, uma negatividade produtiva do nihilismo:

A concepção de Nietzsche do nihilismo gira em torno de uma estrutura dialética. O chamado nihilismo passivo, ou reativo, característico da modernidade, é pura negatividade, “um estado de transição” (Nachlass/FP 1887-1888, 11 [100], KSA 13.49) que encontra também no budismo sua primeira expressão histórica (cf. Nachlass/FP 1887, 9 [35], KSA 12.351). Nesse estado, “as forças produtivas ainda não são suficientemente fortes” (Nachlass/FP 1887, 9 [35], KSA 12.351). Essa forma de nihilismo, afirma Nietzsche, deve ser negada pelo nihilismo ativo, que implica uma negatividade determinada, que consiste em pôr, no sentido de interpretar, novos valores e um novo sentido nas coisas, mediante um ato criador que não somente nega os valores existentes (“vontade de nada”), mas cria novos valores em virtude da “força e potência” do homem que chegou a ser artista. O próprio Nietzsche considera uma sorte ter voltado “a encontrar, depois de milênios de confusão e extravio, o caminho que conduz a um Sim e a um Não. “Ensino o Não frente a tudo que debilita, contra tudo aquilo que esgota. Ensino o Sim a tudo que fortalece, àquilo que acumula força” (Nachlass/FP 1888, 15 [13], KSA 13.412). No entanto, não se supera o nihilismo por ser um nihilista ativo, como tampouco se passa meramente do nihilismo passivo ao ativo, transcende-se o nihilismo pela criatividade, considerada como o valor supremo. Nietzsche observa ironicamente: “quem nada cria, cria um nada” (Nachlass/FP 1884-1885, 29 [59] e 31[43], KSA 11.350 e 379, e 1888, 20 [155], KSA 13.574), pois o nihilista, o homem do ressentimento não cria um dizer não, já que a perda do sentido, unida à experiência da falta de força, é o que o impede de seguir acreditando no fundamento das coisas e de autocriar-se. É necessário sobreviver à dor dessa negação, pois “o nihilismo é o reconhecimento de um contínuo desperdício de força, a agonia do em vão” (Nachlass/FP 1887-1888, 11 [99], KSA 13.46). Portanto, esse processo negativo necessita da força e da potência para negar e transcender-se, pois a exigência da negatividade é a fonte da exuberância, do excesso necessário para a criatividade. “Vós conheceis unicamente centelhas do espírito”, falava Zaratustra, mas não vedes a bigorna que ele é, nem tampouco a crueldade de seu martelo!” (ZA/ZA II, Dos sábios famosos, KSA 4.132) (GUERVÓS, 2018)

Este *nihilista consumado* ou radicalizado (*completo*) é idealizado na *feiura*, como afirma Nietzsche, e não teme a queda das folhas ou suas *descolorações cadavéricas*, ele permite tudo tombar (Cf. NIETZSCHE, 2008, p. 36); diferentemente do nihilista *incompleto* (passivo) que se esconde em crenças buscando um apaziguamento da dor da falta de sentido: “O que se considerou *remédio* contra a degeneração são apenas paliativos contra certos efeitos dela: os “curados” são somente um *tipo dos degenerados* (NIETZSCHE, 2008, p. 44), dificultando ainda mais o processo de superação, pois: “As tentativas de escapar do nihilismo sem transvalorar aqueles valores produzem o contrário: tornam o problema mais agudo” (NIETZSCHE, 2008, p. 38). Sobre esse

⁵ Ver por exemplo: O antinihilismo estético e a superação do nihilismo (GUERVÓS, 2018)

Revista Paranaense de Filosofia, v. 4, n. 2, p. 167 – 181, Jul./Dez., 2024.

ISSN: 2763-9657

Universidade Estadual do Paraná



aspecto, o filósofo comenta sobre os tipos de entorpecimento que podem ser representados na música, na arte por ela mesma, no puro conhecimento, quando estas ações não trazem transformação ou criação para o humano: “No mais íntimo: não saber, para onde sair? Vazio. – Tentativa de escapar com a embriaguez. – Embriaguez como música. – Embriaguez como crueza no gozo trágico da derrocada” (NIETZSCHE, 2008, p. 38). Ou seja, tudo que não transforma e que não carrega em si um potencial desconstrutor e criador, apenas alimenta o entorpecimento dos indivíduos nesta forma de niilismo passivo.

As consequências de dois milênios de vivências niilistas passivas em solo cristão terão de ser pagas, acredita Nietzsche, como resultado de uma impressão de que tudo que restou era falso, fraco ou exaltado, assim: “Perdemos o peso que nos deixava viver, - não soubemos, durante um período, para que lado nos virar. Precipitamo-nos inopinadamente em valorações opostas com a mesma medida de energia” (NIETZSCHE, 2008, p. 39). Fato que resultou na negação de si e da vontade, na aniquilação da vida e escravatura em servidão dos homens em troca do consolo metafísico que os ideais ascéticos proporcionavam, visto que, a moral cristã forneceu ao indivíduo um valor absoluto em contraste a sua contingência, pequenez e falta de sentido. Nela, o homem finalmente poderia se sentir confortado, importante, resoluto em valor e propósito, e até divino, o problema é que todas essas categorias o afastaram do que é humano, perece, transitório, entretanto, real. Por este motivo: “*In summa*: a moral foi o grande antídoto contra o niilismo prático e teórico” (NIETZSCHE, 2008, p. 29). E ainda: “A moral protegeu a vida diante do desespero e do salto no nada em homens e estamentos que foram subjugados e oprimidos por homens (NIETZSCHE, 2008, p. 53). Em consequência, a moral cristã foi impeditiva de extremar o niilismo até o fim, para então obter um niilismo extremo e capaz de transvalorar a vida.

Nietzsche acredita que o niilismo passivo que ocorre velado nos ideais ascéticos degenera e adoce a humanidade, conduzindo-os a um lento suicídio em massa, já que a vontade nesses indivíduos se torna enfraquecida até desaparecer. Deste modo, no momento que o mundo desprezou o real para buscar refúgio em um além, acabou desabando no niilismo. Na sua análise investigativa sobre a causa do niilismo, ele perpassa por fatores que afirma não serem suficientemente capazes de produzi-lo como



radical recusa de valor, de sentido, e encontra como interpretação mais precisa da causa – a interpretação moral-cristã, nela propriamente reside o niilismo (Cf. NIETZSCHE, 1983, p. 379). No capítulo intitulado *O Niilismo Europeu*, presente na obra *Vontade de Poder*, Nietzsche fala sobre a contradição entre as venerações da humanidade, e o que de fato se é: “Vede que surge a contradição entre o mundo que veneramos e o mundo que vivemos, que somos. Resta-nos: ou suprimirmos nossa veneração ou suprimirmo-nos. O segundo caso é o niilismo” (NIETZSCHE, 1994, p. 85)

A repercussão da crença “Deus é a verdade” implica afirmar que todo o remanescente é falso, e nisto consiste a ruína que o cristianismo traz; já a destruição que a interpretação moral do mundo traz (considerando que cristianismo e moral são indissociáveis) (Cf. NIETZSCHE, 1983, p. 379), é direcionar a vida ao além e desprezar o real, portanto, direcioná-la ao vazio, a um mundo sem sentido, pois, o sentido estaria centrado totalmente no mundo irreal da fé. Lembrando que tal problema de negação da realidade, já se faz presente desde Platão com o mundo das ideias. Como comenta Giacoia em *Metafísica, platonismo e niilismo*, uma das características da filosofia de Nietzsche consiste na pretenciosa intenção demonstrada desde seus primeiros capítulos em reverter o platonismo e superar sua metafísica através da transvaloração dos valores supremos da cultura ocidental⁶ (Cf. GIACOIA, 2014, p. 208).

Deleuze ao comentar a filosofia nietzschiana na obra *Nietzsche e a filosofia*, afirma que a proposta de Nietzsche consiste em reverter essa valoração, de tal modo que os valores que aniquilavam a vida e a desvalorizavam passam a não valorar, e a vida resgata sua devida importância:

Na palavra niilismo, *nihil* não significa o não-ser e sim, inicialmente, um valor de nada. A vida assume um valor de nada na medida em que é negada, depreciada. A depreciação supõe sempre uma ficção: é por ficção que se falseia e se deprecia, é por ficção que se opõe alguma coisa à vida. A vida inteira torna-se então irreal, é representada como aparência, assume em seu conjunto um valor de nada. A ideia de um outro mundo, de um mundo supra-sensível com todas as suas formas (Deus, a essência, o bem, o verdadeiro), a ideia de valores superiores à vida não é um exemplo entre outros, mas o

⁶ Ver por exemplo, *Metafísica, platonismo e niilismo*, na qual Giacoia comenta que para Nietzsche: “a raiz profunda, a base completamente desenvolvida do pensar metafísico se encontra sistematizada no idealismo platônico, com a doutrina das ideias e a conseqüente oposição entre os mundos sensível e inteligível, constituindo o segundo o real (o ser, a essência permanente), contraposto à enganosa e insubistente aparência sensível (vir-a-ser, simulacro) e, portanto, a instância de julgamento acerca de sua realidade e valor (GIACOIA, 2014, p. 208).



elemento constitutivo de qualquer ficção. Os valores superiores à vida não se separam de seu efeito: a depreciação da vida, a negação deste mundo. E se não se separam desse efeito é porque têm por princípio uma vontade de negar, de depreciar [...]. Não é a vontade que se nega nos valores superiores, são os valores superiores que se relacionam com uma vontade de negar, de aniquilar a vida. “Nada de vontade”: esse conceito de Schopenhauer é apenas um sintoma: significa inicialmente uma vontade de aniquilamento, uma vontade de nada... “Mas pelo menos é e permanece sempre sendo uma vontade”. Nihil, *em nihilismo, significa a negação como qualidade da vontade de poder*. Em seu primeiro sentido e fundamento, nihilismo significa portanto: o valor de nada assumido pela vida, ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, vontade de nada que se exprime nesses valores superiores. O nihilismo tem um segundo sentido mais coerente. Não significa mais uma vontade e sim uma reação. Reage-se contra o mundo supra-sensível e contra os valores superiores, nega-lhes a existência, recusa-se-lhes qualquer validade. Não mais desvalorização da vida em nome de valores superiores, e sim desvalorização dos próprios valores superiores (DELEUZE, 1976, p. 69).

Enfatiza-se que a desvalorização não ocorre para com a vida, e sim, para os valores antes colocados como supremos. Desta constatação, descobre-se que não há nada além das cortinas, nem valores, nem sentido ou objetivo. Se antes os valores negavam a vida, agora sem eles, a humanidade continua sozinha com a vida, a vagar rumo ao nada. Nas palavras de Deleuze, anteriormente opunha-se à essência a aparência, entendendo essência como valores supremos e aparência a vida, ao negar a essência manteve-se a aparência: “O primeiro sentido do nihilismo encontrava seu princípio na vontade de negar como vontade de poder. O segundo sentido, “pessimismo da fraqueza”, encontra seu princípio na vida reativa nua e crua, nas forças reativas reduzidas a si mesmas” (DELEUZE, 1976, p. 69). Neste contexto, o primeiro sentido configura um *nihilismo negativo* e o segundo, um *nihilismo reativo*.

Diante do problema do nihilismo, o próprio Nietzsche aponta que será então necessário a criação de novos valores: “Porque nós primeiro tivemos que vivenciar o nihilismo para descobrir, ver por trás o que era propriamente o *valor* desses “valores” ... Teremos necessidade, algum dia, de novos valores... (NIETZSCHE, 2008, p. 24).

2. O NIILISMO COMO UMA PASSAGEM NECESSÁRIA

Embora Nietzsche afirme que *a mais insalubre espécie de homem seja terreno do nihilismo*, existe um valor agregado em tal crise no sentido de que ela purifica e é capaz



de proporcionar uma *reorganização das forças do ponto de vista da saúde* (Cf. NIETZSCHE, 2008, p. 55).

Para o filósofo Yannis Constantinidès, Nietzsche propõe superar o niilismo por ele mesmo, fato que implica em *tomar como antídoto o próprio veneno*⁷. Segundo o autor, embora a crítica de Nietzsche ao “niilismo europeu” seja bem difundida, o que menos se conhece é a vontade do filósofo em acelerar o curso, segundo ele, irreversível, para atingir um niilismo consumado, no qual, cada indivíduo teria então que escolher entre elevação e declínio.

O niilismo então revela-se como uma fase necessária que pode desvelar um novo horizonte. Tal remédio, embora temerário, pois, o acesso em livre curso ao veneno traz consigo o risco eminente de esgotar seus efeitos de modo negativo, entretanto, Nietzsche ainda prefere ver a humanidade sucumbir pelo erro da dosagem radical a deixá-la morrer no lento suicídio do niilismo passivo⁸: “Trata-se de precipitar as coisas, de “forçar a decisão”, em vez de deixar a humanidade transformar-se lentamente em areia, ou seja, perecer sem mesmo ter a percepção disso” (CONSTANTINIDÈS, 2007, p. 168).

O filósofo Jelson Oliveira comenta em sua obra *Negação e Poder*, que Nietzsche entende o niilismo sob perspectivas de *diagnóstico sintomatológico*, pois se trata de uma investigação acerca de dois milênios de história ocidental em que ocorre a negação da vida por meio de dispositivos morais; e *metodológico-estratégico*, que faz parte da proposta da filosofia nietzschiana que se volta contra os ideias ascéticos e o pessimismo schopenhaueriano⁹ responsáveis pela propagação do niilismo (Cf. OLIVEIRA, 2018, p.

⁷ Expressão usada pelo autor no artigo *O niilismo extático como instrumento da grande política*, publicado em *Cadernos Nietzsche*, n° 22, 2007, p. 127-151. Tradução: Francisco Edi de Oliveira Sousa. Revisão técnica: Vânia Dutra de Azevedo.

⁸ Ver Aurora, § 429, por exemplo: “E afinal: se a humanidade não perecer por uma *paixão*, perecerá por uma *fraqueza*: o que se prefere? Eis a questão essencial. Nós lhe desejamos um fim em fogo e luz ou em areia?”.

⁹ Ver *Negação e Poder*, Jelson Oliveira comenta sobre o pessimismo que Nietzsche observa em Schopenhauer a partir de 1876, como uma expressão do niilismo: “Schopenhauer seria o formulador da tese da negação da vontade e da vontade de nada, contra a qual Nietzsche contrapõe a sua vontade de poder. [...] Em Schopenhauer, a concepção trágica leva à automortificação, a uma atitude de resignação e de fastio e não de luta e de poder. Schopenhauer seria refém de um niilismo de tipo passivo, na medida em que propõe a inação como saída para a tragédia da vida. E é justamente nisso que continuaria refém dos mesmos mecanismos das grandes religiões niilistas e seu léxico de jejuns, sacrifícios e privações. Toda Revista Paranaense de Filosofia, v. 4, n. 2, p. 167 – 181, Jul./Dez., 2024.



38): “No primeiro caso, o que Nietzsche pretende é detectar e analisar o processo; no segundo, levar o processo a cabo até a sua supressão” (OLIVEIRA, 2018, p. 38).

Em ambas perspectivas Nietzsche não pretende confrontar ou “lutar” contra o niilismo, como esclarece Jelson Oliveira, pois isso remeteria a negação como todas as estratégias por ele criticadas, as quais não curam a doença e atuam apenas como paliativos sobre os sintomas, enquanto a superação do niilismo decorre da sua radicalização por meio de uma atitude afirmadora da vida (Cf. OLIVEIRA, 2018, p. 38).

Sobre esse contexto, Constantinidès comenta que o próprio Nietzsche se confessa *profundamente niilista*¹⁰ apenas para demonstrar que o niilismo se trata de um momento transitório do qual não se deve fugir, pois, a fuga implicaria em sua exacerbação¹¹, e ao encará-lo até o fim, se reconhece a possibilidade de que esse estado de provação proporcione a inversão de valores decadentes e o estabelecimento de uma nova hierarquia. Visto assim, o niilismo é abordado como um mal necessário, um *estado intermediário patológico*, o qual constitui uma prova difícil, tal como, “passar pelo fogo” para então se tornar um indivíduo resoluto e afirmador.

Esta referência de Nietzsche ao niilismo como *estado intermediário patológico* pode ser encontrada no *niilismo europeu*, no qual o filósofo apresenta o termo patológico como generalização e como conclusão de não existir mais nenhum sentido absoluto, pelo fato de que as forças produtivas ainda não se mostram fortes o bastante e ainda não conseguiram inventar seus remédios (Cf. NIETZSCHE, 2008, p. 33):

Pressuposição dessa hipótese: - não existe nenhuma verdade; não há nenhuma propriedade absoluta das coisas, nenhuma “coisa em si”. – Isso mesmo é um niilismo, e deveras o mais extremo. Ele desloca o valor das coisas para um âmbito no qual a esse valor não corresponde nem pode ter correspondido nenhuma realidade, mas que é somente um sintoma de força por parte de quem confere valor, uma simplificação para a finalidade da vida. [Er legt den Wert der Dinge gerade dahinein, dass diesem Werte keine Realität entspricht und entsprach, sondern nur ein Symptom von Kraft aufseiten der Wert-Ansetzer, eine Simplifikation zum Zweck des Lebens.] (NIETZSCHE, 2008, p. 33).

a filosofia schopenhauriana não passaria, por isso, de um narcótico que não cura o niilismo, mas simplesmente pretende escapar do sofrimento que ele causa” (OLIVEIRA, 2018, p. 35-36)

¹⁰ Ver Vontade de Poder, § 25, por exemplo: “Para a gênese niilista. – Só tardiamente tem-se coragem para aquilo que se sabe propriamente. Que até agora eu tenha sido radicalmente niilista, eis o que só há pouco me confessei: a energia, a *nonchalance* com a qual eu, como niilista, fui adiante iludiam-me a respeito desse fato fundamental. Quando se vai ao encontro de um fim, parece impossível que “a ausência de fim em si” seja p princípio de nossa crença.

¹¹ Ao fugir do niilismo e não encarar a falta de sentido e esvaziamento das coisas, corre-se o risco de gerar ainda mais niilismo, acreditando em outras ideologias, vazias da mesma forma.



Ele explica que os valores e tais mudanças são proporcionais ao crescimento e aumento de poder por parte de quem estabeleceu o valor. De tal forma que a descrença e liberdade de espírito amplificam o poder (Cf. NIETZSCHE, 2008, p. 34). A desilusão não é direcionada para com a vida, mas para as crenças, portanto: “Niilismo” como ideal do *supremo poderio* do espírito, da vida mais transbordante: em parte destrutivo, em parte irônico” (NIETZSCHE, 2008, p. 34).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche articula o problema do niilismo passivo ao problema da moral, pois, neste caso, o niilismo é compreendido como a doença do homem moral. O filósofo demonstra que essa moral que exalta valores como bondade, bem-aventurança, castidade, pobreza, humildade, sofrimento, servidão, vistos como virtudes verdadeiras, de fato, configuram uma grande mentira e uma ferramenta para oprimir, enganar e adoecer a humanidade.

Portanto, em vista deste problema, Nietzsche propõe uma transvaloração dos valores ao demonstrar os malefícios que essa moral acarreta a existência humana e pretende substituí-la por valores de afirmação da vida, tal como a arte, no sentido de recriar a si mesmo. O filósofo desvela a moral como uma mentira que tomou roupas emprestadas como virtude. Superar a moral cristã é para Nietzsche traçar novos meios de valorar a existência, de tal modo a dizer *sim* a si mesmo e a vida, deixando a negação para trás.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Marcelo. *Camus - Entre o Sim e o Não a Nietzsche*. Editora: Letras Contemporâneas, 2001.
- CANCIAN, André. *O Vazio da Máquina: Nilismo e outros abismos*. Edição do autor: Andre Cancian (c) 2009.



CONSTANTINIDÈS, Yannis. *O nihilismo extático como instrumento da grande política*, publicado em Cadernos Nietzsche, nº 22, 2007, p. 127-151. Tradução: Francisco Edi de Oliveira Sousa. Revisão técnica: Vânia Dutra de Azevedo.

DELEUZE, Gilles. *Gilles Deleuze: Nietzsche e a filosofia*. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GIACOIA Jr., O. *Labirintos da Alma: Nietzsche e a auto-supressão da moral*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1997.

GIACOIA Jr., O. *O Leitor de Nietzsche*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2022.

GIACOIA Jr., O. *Nietzsche: O humano como memória e como promessa*. Rio de Janeiro: Editora Vozes; 2ª edição, 2013.

GIACOIA Jr., O. *O Platão de Nietzsche*. In: *Cadernos Nietzsche 3*, p. 23-36, 1997.

GIACOIA Jr., O. *Ressentimento e Vontade*. Rio de Janeiro: Editora: VIA VERITA, 2021.

GILES. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: EPU, 1989.

GUERVÓS, Luis Enrique de Santiago. *O antinihilismo estético e a superação do nihilismo*. Cadernos Nietzsche – Scielo Brasil, 2018.

LEFRANC, Jean. *Compreender Nietzsche*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche: a transvaloração dos valores*. São Paulo: Moderna, 1993.

MARTON, Scarlett. Prefácio. In: MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *A doutrina da vontade de poder em Nietzsche*. São Paulo: Annablume, 1997.

MAUTNER, Thomas. *Dicionário de Filosofia*. Lisboa: Edições Loyola, 2011.

MÜLLER-LAUTER, Wolfgang. *Nietzsche: Sua filosofia dos antagonismos e os antagonismos de sua filosofia*. São Paulo: Editora Unifesp, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Além do Bem e do Mal: Prelúdio de uma filosofia do futuro*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *A vontade de poder*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da Moral*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos Ídolos*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. *Ecce Homo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *Humano, Demasiado Humano: Um livro para espíritos livres*.



São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *O Anticristo*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2021.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras Incompletas. (Coleção Os Pensadores)*. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

OLIVEIRA, Jelson. *Negação e Poder: do desafio do nilismo ao perigo da tecnologia*. Caxias do Sul, RS: Educs, 2018.

OLIVEIRA, Jelson. *Nilismo e tecnologia*. *Filosofia Unisinos Unisinos Journal of Philosophy* 21(1):72-78, jan/apr 2020. Unisinos – doi: 10.4013/fsu.2020.211.07.

ROSSANO, Pecoraro. *Nilismo e pós modernidade: introdução ao “pensamento fraco” de Gianni Vattimo*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: São Paulo: Loyola, 2005.

TURGUÊNIEV, Ivan. *Pais e filhos*. Editora: Companhia das Letras, 2019.

VATTIMO, Gianni. *O Fim da Modernidade: Nilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

VEIT, Walter. *Existential Nihilism: The Only Really Serious Philosophical Problem*. *Journal of Camus Studies*. 2018

VIALLANEIX, Paul. *The First Camus*. New York: Vintage Books Edition, 1977.

VOLPI, Franco. *O Nilismo*. Rio de Janeiro: Editora Loyola, 1999.

ZAWADA, Kinga Anna. *Détruire, créer, jouer: lire la folie de Caligula chez Camus*. *Revista Criação & Crítica*, n. 10, p. 38-46, maio 2013